

GIULO DANTAS DE SOUZA

A SECA NO NORDESTE



- 2012 -

A SÊCA NO NORDESTE

Há muito tempo eu reluto
Em esta história contar,
Mas juro, sinto vergonha
De tudo que vou falar,
Porque no caso é a Sêca
Que vive a nos massaerar...

É sofrimento, é tristeza,
É padecer sem limite;
Quando chega a arribação
Nada que é vivo resiste,
Morre até a esperança
De campenês sempre triste.

Eu já ouvia lamentos
Desde quando era menino,
Sobre os efeitos da Sêca
Neste solo nordestino
Que cobria de miséria
Dos viventes, seu destino.

Mas só em quarenta e cinco
Quando eu vivi no Sertão,
Durante a primeira Sêca
Eu tive a grande lição,
O sofrimento do povo
É de cortar coração...

Assim que o dia amanhece
O Sol já nasce escaldante;
A brisa que sopra é quente,
A calmaria é constante;
Das chuvas nem previsão,
A esperança é distante.

Quando chega a estiagem
Insaciável e brutal,
Qual Dragão cuspiendo fogo
Num extermínio fatal,
Expulsando o nordestino
De sua terra natal...

Toda pastagem se acaba,
Só resta o mandacaru;
Não se vê mais na caatinga
Nem juriti, nem jacu,
De aves apenas restam
O carcará e urubu...

De toda parte se avista,
Sem ter destino, errantes,
Seguindo pelas estradas
As levas de retirantes,
Buscando salvar a vida
Em outras terras distantes.

Andando cambaleantes,
Curtindo dor e saudade
De tudo que após ficara,
Amôres, sonhos, amizade,
Minguando de tantas penas
Da negra fatalidade...

E vão tristonhos, cherosas
Como Cristo no Calvário,
A desfiarem lembranças
Como as contas d'um Rosário,
A palmilhar penitentes
Seu mais triste itinerário.

Vão seguindo sem destino,
Buscando a paz e o pão
Que faltara em sua mesa
Como em toda região
E se alastra como peste
Pelos campos do Sertão...

Muitos vão e depois voltam,
Mas outros não voltam mais;
Os filhos morrem de fome,
Ficam malucos os pais,
Pois da Sêca derretados
Não se refazem jamais...

Já há cem anos passados
No seu livro "Os Sertões",
Falou Euclides da Cunha
Das mazelas e aflições
Que a Sêca traz pra todos
Que vivem nestes rincões...

E toda esta miséria
Que sofre a população,
Há mais de trezentos anos
Sem nenhuma solução,
A culpa vai debitada
Para os chefes da Nação:

Quando se abanca o estio,
Presidente e Senadores,
Deputados e Ministros
E também governadores
Distribuindo migalhas,
Viram heróis salvadores.

Do Brasil os mandatários
Mostrando disposição,
Vão pro palanque e falam
Que vão cumprir a missão,
Fazendo no São Francisco
Um tal transposição!...

E no clamor da estiagem
Promessas viram refrão
E todos os demagogos
Buscando a aprovação
Do nordestino seu voto
Pra ganharem a eleição..

E uma vez quando eleitos,
Voltando os tempos normais,
Todos retornam ao Congresso
Pra embolsarem os Reais
E da penúria da Sêca
Eles sequer lembram mais...

E tudo na vida inventam
Pra na miséria dar jeito;
Gastam rios de dinheiro
Mas ninguém vê o efeito,
Resultado ou benefício
Daquilo que julgam feito.

Fazem promessas e juras,
Acalmando o povo aflito
Mas quando nada dá certo
Fica o dito por não dito;
Pergunto aos politiqueiros
Se acham isto bonito?...

São fatos que injuriam
Mas são a dura verdade;
Se alguma coisa é feita
É por mera piedade.
É pra todos estes gastos
Cumprirem a legalidade

Mas tudo isso são coisas
Que já vem lá do Império;
A estiagem e desgraça,
É tortura, é caso sério
E se nada inda foi feito
Só pode haver um mistério...

Mesmo assim, sem entender
Ainda tenho esperança
De ver nosso nordestino
Podendo encher a pança,
Sem faltar para seus filhos
Saúde, paz e bonança...

Enquanto isso eu espero
Para tudo melhorar,
Que Deus nos mande mais chuva
Pra nosso solo molhar
E nunca mais nossa gente
Deste tormento chegar...

Tenho crença no futuro
Em tudo isto mudar
E tenho plena certeza
Esse tempo vai chegar...
E vamos ter para os filhos
Muita história pra contar!...

Para todos Conterrâneos
Com muita estima e apreço,
Sobre a Sêca nordestina,
Este Cordel ofereço,
Pois algo tão desastroso
Neste BRASIL desconheço!,,,

Termino aqui. Faço ponto.
Dizer mais coisa eu podia,
Mas pra falar a verdade
Eu deixo pra outro dia,
Pois as rimas de Cordel
São pra mim muita alegria!...

FI M

OPINIAO DO AUTOR

Este cordel, na sua despreten-
ciosa narrativa, não busca caracterizar
culpados ou responsáveis pela calamida-
de que ciclicamente se estabelece no //
Nordeste e que a chamamos de "Sêca". Da
da a complexidade com que se reveste o,
surgimento deste fenômeno, se nos afigu-
ra mais fácil aprendermos a conviver //
com ela, de que esperarmos uma solução,
sem prazo estabelecido; aí é esperarmos
que a montanha venha até nós. Assim, va-
mos fazer a nossa parte e continuar cla-
mando por socorro aos homens do poder e
a Deus que tem nos socorrido até a últi-
ma estiagem. O resto fica por conta da/
paciência e da esperança.

o Autor